

# TEORIA SOROPTIMISTA<sup>1</sup>

David Lopes da Silva

Resumo: paródia de teoria literária que usa o acaso para descobrir afinidades entre textos diversos.

Números de página iguais revelam correspondências ocultas entre dois livros: assim, a página 50 de um livro terá algo em comum com a página 50 de um outro livro qualquer.

Exemplo: “Meu Tio o Iauaretê” e *Grande Sertão: Veredas* podem ser aproximados através da numeração das páginas de cada livro. Na primeira página de “Meu Tio o Iauaretê”, que é a 126 do livro, o personagem diz que tinha um foguinho aceso na frente da casa, e foi por esse foguinho que o caçador o encontrou. Na página 126 de *Grande Sertão: Veredas*, depois de fugir por um tempo do bando de Zé Bebelo, Riobaldo se encontra com uma mulher casada cujo marido estava fora. Dorme com ela e, como quer voltar à noite, pede para que ela acenda uma fogueira, “fogueirinha de nada”, no alto do morro, se o marido dela não tiver ainda retornado. No entanto, é exatamente na casa do pai dessa moça casada que Riobaldo reencontra o Menino, ou Reinaldo, que é Diadorim. Assim, diz Riobaldo que não teve “pesar nenhum de não esperar o sinal da fogueira da mulher casada”. Há, portanto, nas mesmas páginas de livros diferentes, a descrição de duas fogueiras importantes: é pela fogueira na frente da casa que o sobrinho-do-Iauaretê foi encontrado (e, por isso, será morto), e é para esperar a fogueira da mulher casada que Riobaldo reencontra Diadorim e passa a acompanhá-lo na sua busca por vingança, como diz na página 133 do romance: “Se eu não tivesse passado por um lugar, uma mulher, a combinação daquela mulher acender a fogueira, eu nunca mais, nesta vida, tinha topado com o Menino? – era o que eu pensava”. Já na página 133 do conto, o sobrinho-do-Iauaretê fala de “uma mulher casada”, a Maria Quirinêia, que o leitor sabe depois que queria se aproveitar sexualmente do sobrinho-do-Iauaretê, que só não a matou porque ela falou bem da mãe dele.

Num caso, portanto, a fogueira é o elemento da perdição para o narrador-protagonista; no outro, o do romance, a fogueira também representará o mesmo? Ou seja, a perdição de Riobaldo será ter reencontrado Diadorim, ou, tivesse seguido atrás da

---

<sup>1</sup> Capítulo do livro *Enciclopédia jagunça* (Maceió: EDUFAL, 2011).

fogueira da mulher casada teria sido morto pelo marido traído? É essa segunda alternativa que parece convir, o que deixa pensar que, tivesse Riobaldo ido atrás da mulher casada, teria sido assassinado como o sobrinho-do-Iauaretê o foi, por causa da fogueira. Então, ter seguido junto com Diadorim não foi a perdição de Riobaldo, mas, na verdade, a sua salvação: ele teria morrido na página 126, se tivesse ido atrás da fogueira.

Outra correspondência possível entre os mesmos dois textos vem nas páginas 144, quando o sobrinho-do-Iauaretê pergunta a seu interlocutor se está com medo: “Mecê tem medo? Tem medo não? Pois vai ter.”, e Riobaldo responde: “O que há, que se diz e se faz, - que qualquer um vira brabo corajoso, se puder comer cru o coração de uma onça-pintada. É, mas, a onça, a pessoa mesma é quem carece de matar; mas matar à mão curta, a ponta de faca! Pois, então, por aí se vê, eu já vi: um sujeito medroso, que tem muito medo natural de onça, mas que tanto quer se transformar em jagunço valentão – e esse homem afia sua faca, e vai em soroca, capaz que mate a onça, com muita inimizade; o coração come, se enche das coragens terríveis”.

Já as duas páginas finais de “Meu Tio o Iauaretê”, 158 e 159, correspondem, em *Sagarana*, às páginas em que Turíbio Todo flagra sua esposa com Cassiano Gomes, na cama. O marido traído, apesar de ter percebido o que se passava, sai da casa sem ter sido visto pelos amantes, planejando sua vingança. Na página seguinte de “Duelo”, a 160, Turíbio Todo acaba assassinando a pessoa errada, o irmão de Cassiano, que, por sua vez, decide matar o assassino, o que acaba acontecendo na página 188 de *Sagarana*, ainda que por via de outro personagem, que entra na estória mais tarde. A relação entre a morte do sobrinho-do-Iauaretê, na página 159, e a traição conjugal, na mesma página do outro livro, que ocasiona uma morte por engano e a punição do assassino, leva a crer que o matador do sobrinho-do-Iauaretê matara este por traição, e que, devido a um engano, será também assassinado mais tarde por esse motivo. O que se busca, nessa relação, é uma espécie de desejo de apaziguamento, justificando a morte do sobrinho-do-Iauaretê com a certeza da punição futura de seu assassino, o que Rosa não escreveu no conto “Meu Tio o Iauaretê”, mas deixou indicado na página 188 de *Estas Estórias*, no conto “Páramo”, quando conta o caso de “um mendigo estranho, o qual nunca deixava de carregar consigo um bastão e uma caveira. Tomavam-no por um penitente. Porém, quando morreu, encontraram dentro da caveira um papel, com sua confissão: ele matara outro homem, cuja era a dita caveira, matara-o a pauladas, com o bastão; e carregava os dois objetos, a fim de manter sempre vivo aquele ódio – que era o que lhe dava forças, para viver.” Ou seja, a caveira,

evidentemente, é a do caçador que matou o sobrinho-do-Iauaretê, vingado com muito ódio por esse mendigo estranho.

### Referências

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 18a.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. *Sagarana*. 31a.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

\_\_\_\_\_. *Estas estórias*. Nota introdutória de Paulo Rónai. 2ª.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.